



Novos Cadernos NAEA

v. 27, n. 3 • set-dez 2024 • ISSN 1516-6481/2179-7536



RESENHA

LENCIONI, SANDRA; TRINDADE JÚNIOR,
SAINT-CLAIR CORDEIRO DA. **PESQUISA
SOCIOESPACIAL**: REFLEXÕES SOBRE MÉTODOS E
TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA. RIO DE
JANEIRO: CONSEQUÊNCIA, 2024. 168 P.

Helbert Michel Pampolha de Oliveira  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Gabriel Carvalho da Silva Leite  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

SIM, ABRINDO CAMINHOS!

Ciência. Conhecimento. Pesquisa. Rigor. Pesquisa qualitativa. Social. Espacial. Socioespacial. Método(s). Metodologia. Técnicas de investigação. Teorias. Conceitos. Categorias. Noções. Definições. Projeto de pesquisa... Na condição de palavras-chaves, esses termos – mas não somente, decerto – bem representam os principais temas e contribuições de uma obra inestimável e que, neste ano de 2024, veio muito oportunamente a público. Escrito pela geógrafa Sandra Lencioni¹ e pelo geógrafo Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior², *Pesquisa socioespacial: reflexões sobre métodos e técnicas de investigação científica* (Figura 1) é um livro que açambarca um amplo rol de interessados em pesquisa científica, notadamente aquela de corte socioespacial, como tão bem nos ensinam os autores nessa contribuição.

¹ Sandra Lencioni é bacharel, licenciada, mestre, doutora e livre-docente em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), instituição onde se tornou Professora Titular Sênior, criou o Laboratório de Estudos Regionais (Lergeo) e integrou, como docente, o Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH). Nessa condição, integrou, também, o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Realizou pós-doutorado em Geografia pela *Université Paris I (Pantheon Sorbonne)*. É pesquisadora 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e autora de uma obra de grande relevância para a Geografia, com destaque para os livros *Região e geografia* e *Metrópole, região e regionalização*; esse último tendo recebido Menção Honrosa pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR) (Plataforma Lattes, 2024a).

² Conforme informado em seu currículo na Plataforma Lattes (2024b), Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior é bacharel em Direito e bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), universidade na qual também se tornou especialista em Análise Geográfica aplicada à Amazônia e mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). Doutorou-se em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e realizou estágios pós-doutorais em Políticas Urbanas pelo *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL)*, da *Université Paris III (Sorbonne Nouvelle)*, e em Geografia Regional pela USP. Atualmente é Professor Titular do NAEA, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ordenamento Territorial e Urbanodiversidade na Amazônia (Geourbam) e pesquisador 1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Com vasta produção bibliográfica, é autor de obras premiadas nacionalmente, como o livro *O pensamento de Milton Santos e a Amazônia*, agraciado com o Prêmio Ana Clara Torres Ribeiro de livro pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR).

Figura 1 – Capa da obra *Pesquisa socioespacial: reflexões sobre métodos e técnicas de investigação científica*, de Sandra Lencioni e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior



Fonte: Adaptado de Lencioni e Trindade Júnior (2024).

No prefácio da obra, escrito pelo respeitado geógrafo Rogério Haesbaert, também autor de várias contribuições importantes para as ciências humanas, como *Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea* (Haesbaert, 2010) e *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina* (Haesbaert, 2021),

consta se tratar de um livro que, sem dúvida alguma, abre caminhos necessários à investigação científica, seja por “preencher uma importante lacuna” (p. 10) nos debates sobre metodologia, técnicas de pesquisa e, especificamente, pesquisa socioespacial, seja, ainda, pela sua relevância “em uma época em que nem sempre valorizamos o rigor científico e na qual, por mais inacreditável que pareça, vê-se até mesmo aumentar o desprezo pela ciência” (p. 9).

Nesse sentido, o livro de Sandra Lencioni e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior vem, exatamente, demonstrar que o desenvolvimento de uma pesquisa socioespacial requer, além de coerência filosófica e metodológica, certa sintonia com a compreensão da relação entre a sociedade e o espaço, intrínsecas por natureza. É desse modo, então, que os autores nos apresentam discussões e questões mais que pertinentes sobre o conhecimento e a pesquisa científica, bem como sobre diversos métodos/técnicas de investigação na análise socioespacial; algo, nesse livro, sistematizado em duas partes que, respectivamente, contêm quatro e seis capítulos, além dos agradecimentos, do prefácio, da introdução e das considerações finais.

Em *Pesquisa socioespacial: reflexões sobre métodos e técnicas de investigação científica*, Lencioni e Trindade Júnior revelam a maturidade e a experiência de dois intelectuais e pesquisadores que, durante décadas, e com base em realidades diferenciadas, têm contribuído com o desenvolvimento de pesquisas em que o espaço não representa um simples palco sobre o qual as relações sociais acontecem, evidenciando, com isso, que a sociedade se constitui “através dele e com ele” (p. 19, grifos dos autores). Esse aspecto pode ser observado, portanto, pela mobilização de variados filmes e ampla bibliografia, entre artigos, capítulos de livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado, que, sem dúvida, postos em diálogo na obra, enriquecem as análises, as proposições e os exemplos que dão sustentação ao esforço dos autores.

Logo na primeira parte da obra, dessa maneira, Sandra Lencioni e Saint-Clair Trindade Júnior procedem à realização de um debate necessário acerca dos diferentes tipos de conhecimento (capítulo 1), considerando a pesquisa científica e seus elementos (capítulo 2) e a problemática socioespacial em seu contexto (capítulo 3), mas também os métodos e as distintas formas de abordagem nas análises em que, com o devido rigor metodológico, o social e o espacial são – e devem ser! – tratados como dimensões entrelaçadas,

integradas, inextricáveis (capítulo 4), tudo isso a promover uma profícua leitura sobre o conhecimento e a pesquisa científica enquanto aspectos fundamentais em qualquer pesquisa socioespacial.

Nessa perspectiva, o primeiro capítulo oferece aos leitores uma problematização sobre o conhecimento e enfatiza que “[a] realidade vivida por cada um de nós coloca-nos a possibilidade de considerar formas de conhecimentos diferenciados e de lidar com situações de vida a partir de ângulos diferentes de observação e de experiências” (p. 25); daí as distinções que Lencioni e Trindade Júnior realizam quanto aos conhecimentos sensorial (ligado ao senso comum), científico (conceitual) e aplicado (prático), que coexistem e não necessariamente devem implicar na negação um do outro, bem como entre palavras, conceitos, definições, categorias e noções, demonstrando as potencialidades e limitações daqueles conhecimentos e desses instrumentos de abstração da realidade.

O segundo capítulo, por sua vez, focaliza a pesquisa científica e traz discussões em torno de alguns de seus atributos e credenciais, importantes ao bom planejamento da pesquisa. Desta feita, os autores explicitam o que é um *objeto de estudo/análise* (o que, efetivamente, será investigado, com recortes temporais e espaciais), o qual, em suas acepções, não se confunde com o título e com a *referência empírica* (o lugar onde a pesquisa será realizada) do estudo; discutem o que é um *problema de pesquisa* (a incógnita, o que deverá ser desvendado pela pesquisa) e sua adequada formulação; e comentam sobre a escolha de *objetivos* gerais e específicos (sempre meios e não fins) e a definição das *hipóteses* de investigação (respostas preliminares às questões da pesquisa). Esses elementos, uma vez definidos e arrolados, consubstanciam o que Lencioni e Trindade Júnior chamam de “design inicial da pesquisa científica” (p. 40), um instrumento que confere maior clareza ao processo de planejamento da pesquisa.

Ainda nesse capítulo, e como uma forma de aprofundar a reflexão sobre a coerência e a consistência durante esse planejamento, os autores destacam quatro dimensões centrais da pesquisa científica: 1) a teórico-conceitual; 2) a empírica; 3) a procedimental; e 4) a analítico-interpretativa; dimensões essas que, juntas, ajudam a pensar o “esquema teórico-metodológico da investigação” (p. 44), instrumento seguinte àquele design e que também viabiliza o encadeamento lógico dos elementos da pesquisa científica. Nesse particular, ademais, Lencioni e Trindade Júnior ainda apresentam uma relação de técnicas de investigação recorrentemente mobilizadas na pesquisa científica (p. 45), bem como os principais tipos de

pesquisa (p. 48-49), os elementos que integram o projeto de pesquisa (p. 49-50) e as etapas do processo de pesquisa (p. 51) propriamente dito, o que se caracteriza, por certo, como uma das contribuições elementares da obra a todos(as) os(as) interessados(as) na temática.

Na sequência, o terceiro capítulo começa a articular mais claramente as questões atinentes ao desenvolvimento da pesquisa científica à problemática socioespacial. Sua ideia central, nesse sentido, consiste em discutir o social, o espacial e o socioespacial, bem como em informar aos leitores que a pesquisa socioespacial deve perseguir a unidade espaço-tempo, cuja divisão constitui uma falsa dicotomia, uma enganosa separação, pois “o que se afigura como social se dá no espaço, e inclusive é produtor dele, e o que se apresenta espacialmente se constitui uma ação social” (p. 55). Assim, considerando a inseparabilidade entre essas dimensões como um ponto essencial nas análises socioespaciais, os autores também situam suas reflexões e preocupações para além dos campos disciplinares e, com efeito, das eventuais adjetivações conferidas ao espaço e à sociedade, categorias centrais da pesquisa socioespacial.

Desse modo, no quarto e último capítulo da primeira parte de *Pesquisa socioespacial: reflexões sobre métodos e técnicas de investigação científica*, Sandra Lencioni e Saint-Clair Trindade Júnior refletem sobre abordagens e métodos na análise socioespacial e, com base no filme *Ponto de mutação* (Ponto [...], 2010), comentam sobre as distintas formas de conhecimento e as diferentes abordagens de apreensão da realidade que, inclusive, podem nos conduzir a maneiras igualmente diferenciadas de leitura e análise sobre determinado objeto de investigação; daí a importância, segundo os autores, dos *métodos de interpretação e análise* na pesquisa científica, estando eles, necessariamente, ligados aos fundamentos filosóficos que orientam as interpretações.

Ao tomarem, exemplificativamente, o espaço e suas concepções por diferentes autores (e.g. Edward Soja, David Harvey, Pedro Vasconcelos e Yi-Fu Tuan) e abordagens (e.g. marxista, humanista e geohistórica), Lencioni e Trindade Júnior mostram nesse capítulo como, na pesquisa socioespacial, a seleção de categorias e/ou conceitos precisa estar estreitamente relacionada ao método de interpretação e de análise escolhido, ou seja, os conceitos, categorias, noções etc. instrumentalizados em uma pesquisa socioespacial não devem ser escolhidos à revelia dos pressupostos teórico-filosóficos de seu método. Tais elementos, assim sendo, devem concertar com o método de interpretação, de modo a garantir o rigor e a coerência da pesquisa e da análise socioespaciais.

Segue-se, na segunda parte da obra, uma profícua discussão de alguns dos principais métodos de investigação utilizados na análise socioespacial, incluindo os levantamentos bibliográficos e documentais (capítulo 5), os formulários, questionários e entrevistas (capítulo 6), as observações diretas (capítulo 7), as representações iconográficas e cartográficas (capítulo 8), as histórias de vida e trajetórias geográficas (capítulo 9) e, por fim, a análise de conteúdo e de discurso (capítulo 10).

O quinto capítulo, conforme sinalizado, aborda o social e o espacial na pesquisa bibliográfica e documental. Partindo de uma necessária distinção entre a revisão da literatura e a pesquisa bibliográfica propriamente dita – a primeira sendo um passo preliminar de qualquer trabalho científico, e a segunda constituindo um tipo de pesquisa em si mesma –, Lencioni e Trindade Júnior discutem as possibilidades, hoje existentes, de busca de uma bibliografia acessível (por palavras-chave, por autores, por lugares ou, mesmo, por níveis e dimensões de análise), de organização do material levantado, e de seu tratamento por meio de fichas e resenhas bibliográficas (p. 79), das quais são fornecidos instrutivos exemplos que em muito podem servir aos leitores interessados.

Quanto aos documentos, sejam eles escritos, visuais ou sonoros, históricos ou contemporâneos, públicos ou privados, os autores enfatizam que eles devem ser submetidos a uma apreciação crítica que inclua, necessariamente, a sua contextualização e a de sua autoria, a avaliação da autenticidade, da natureza e da confiabilidade das informações, o mapeamento dos conceitos-chave e da sua estrutura lógica, e a análise propriamente dita, que deve pensar tanto no que é explícito quanto no que está “ausente, no que ele deixa de fora” (p. 84).

A seguir, o sexto capítulo trata dos levantamentos por meio de formulários, questionários e entrevistas. Na pesquisa socioespacial, segundo Lencioni e Trindade Júnior, tais técnicas ajudam a levantar elementos relacionados ao que Lefebvre (1991) denominou de “morfologia material/espacial” (realidade imediata, dado prático-sensível) e de “morfologia social” (realidade mediata, social e relacional); dimensões essas que, na perspectiva da produção social do espaço, “constituem uma unidade a ser examinada [...] e, assim sendo, não podem ser separadas, bem como não devem ser confundidas” (p. 88).

Entre as técnicas tratadas no capítulo em comento, os autores enfatizam os diversos tipos de entrevistas, de caráter mais aberto que os formulários e os questionários, e que se prestam, portanto, ao levantamento

de dados qualitativos, nem sempre objetivos, mas carregados de experiências e subjetividades que a análise socioespacial pode e deve contextualizar e compreender de maneira tão sensível quanto sistemática.

No sétimo capítulo, por seu turno, discute-se a observação direta como um método complexo que envolve o ver, o ouvir, o vivenciar e o registrar a realidade socioespacial. Por meio desse tipo de observação *in loco*, segundo os autores, “o que se busca, em última análise, é a máxima aproximação dos ambientes e sujeitos, em suas formas e conteúdos, focos da observação” (p. 99). Para tanto, enfatizam a necessidade de superação de perspectivas etnocêntricas e de imersão no universo sociocultural estudado.

Seja participante ou não participante, mais formal ou mais informal, a observação direta, para os autores, é sempre um procedimento rigoroso, teoricamente orientado e que requer passos, pressupostos e instrumentos definidos, quer nos ambientes físicos, mais convencionais, quer nos ambientes virtuais, que vêm se tornando cada vez mais comuns, e que suscitam novas abordagens, como a chamada netnografia ou etnografia virtual, pertinentemente comentada no livro.

Na sequência, o oitavo capítulo aborda o uso das iconografias, imagens e representações cartográficas na investigação socioespacial. Para Lencioni e Trindade Júnior, as fontes iconográficas – como os desenhos e pinturas, mais comumente utilizados no passado, e as fotografias, atualmente de uso mais generalizado – podem ser empregadas tanto como parte da escrita científica quanto como fonte de fundamentação do discurso científico; caso este em que “devem ter proximidade com referências conceituais ou teóricas” (p. 115). As representações visuais, portanto, podem ser teoricamente informadas por determinadas concepções de paisagem, de espaço e de sociedade.

O mesmo é válido para as representações cartográficas, que nunca são de fato neutras, conforme demonstram os autores a partir de exemplos de trabalhos científicos que as utilizam como fontes, e que revelam, por vezes, o seu emprego como instrumentos de dominação econômica e política, como é o caso de muitas cartografias oficiais; ou, no sentido contrário, quando convertem-se “em instrumentos de lutas sociais e políticas apoiadas em diferentes fontes de conhecimento” (p. 122), a exemplo das chamadas cartografias sociais.

O nono capítulo, por sua vez, trata das histórias de vida e das trajetórias geográficas como possibilidades metodológicas de consideração das vivências e espacialidades na análise científica. Segundo Lencioni e

Trindade Júnior, “as histórias de vida [...] quando vistas também nas suas espacialidades podem se redimensionar como trajetórias geográficas, muito úteis para se reconhecer a relação espaço-tempo na vida cotidiana” (p. 126). Trata-se, sem dúvida, de um método não convencional, mas nem por isso desprovido de rigor científico.

Isso porque, segundo os autores, as limitações inerentes a tal método, como o fato de ser pouco propício a formalizações e generalizações, podem ser em muito compensadas pela investigação em profundidade de ângulos e aspectos alternativos da realidade socioespacial, como as vivências e subjetividades, geralmente pouco consideradas nas pesquisas mais convencionais.

Por fim, no décimo e último capítulo do livro, Lencioni e Trindade Júnior abordam as análises de conteúdos e de discursos referentes ao espaço e à sociedade. Geralmente confundidas entre si, e com a análise documental, essas técnicas resguardam, na verdade, diferenciações importantes (p. 144), possuindo distintas abrangências e alcances analíticos (p. 145), muito bem demarcados e esquematizados pelos autores.

Mais do que as opor ou hierarquizar, os autores buscam mostrar as potencialidades e mesmo as complementaridades dessas técnicas que investigam, cada uma à sua maneira, os conteúdos e os discursos sobre a realidade socioespacial, com seus sujeitos e intenções, seus códigos e retóricas, seus ditos e não ditos, pois “o que importa não é só analisar o que aparece, mas também o que se apresenta de forma velada, bem como o de capturar as motivações dos registros” (p. 152).

Ao longo dos dez capítulos que compõem *Pesquisa socioespacial...*, portanto, Sandra Lencioni e Saint-Clair Trindade Júnior apresentam importantes reflexões sobre o conhecimento e a pesquisa científica, notadamente a de natureza socioespacial, e discutem, com propriedade, a diversidade de abordagens e métodos de investigação que permitem enfrentar a fascinante e desafiadora tarefa de desvendar as relações intrínsecas entre a sociedade e o espaço.

Por tudo isso, reiterando o que afirma o prefácio de Rogério Haesbaert, consideramos tratar-se de uma obra que, sem dúvida alguma, abre caminhos; caminhos esses que, no caso da pesquisa científica, correspondem aos métodos (palavra originada, aliás, do grego *methodos*, formado pela junção de *meta*, que significa “por meio de”, e *hodos*, que significa “caminho”) que os autores instrutivamente desvelam.

REFERÊNCIAS

HAESBAERT, R. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2021.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LENCIONI, S.; TRINDADE JÚNIOR, S-C. C. **Pesquisa socioespacial: reflexões sobre métodos e técnicas de investigação científica**. Rio de Janeiro: Consequência, 2024.

PLATAFORMA LATTES. Sandra Lencioni. **Plataforma Lattes – CNPq**, Brasília, DF, 2024a. Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6057522086090435>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PLATAFORMA LATTES. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. **Plataforma Lattes – CNPq**, Brasília, DF, 2024b. Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1762041788112837>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PONTO de Mutação. Direção de Bernt Capra. Seattle: Atlas Production Company, 2010. 1 DVD (112 min), son., color.

Submissão: 25/10/2024 • Aprovação: 23/12/2024